

**A Busca das artes dos nomes reais**

\*Lara Jannyfer Batista Ferreira

Eu busco uma arte em que eu leia o nome

*de Ágatha, assassinada por bala perdida na birosca, no complexo do alemão*  
*de Kauã, assassinado por bala perdida em Bangu, na zona oeste do Rio*  
*de Cláudia, arrastada por viatura policial*  
*de Matheusa, assassinada no Rio de Janeiro*  
*de Dandara, linchada e assassinada em praça.*

E de

*Zeferina, rainha quilombola que lutou contra a escravidão*  
*Castiel Vitorino, artista visual e psicóloga que trabalha com experiências de cura do povo preto*  
*Jaider Esbell, artista visual macuxi vencedor do prêmio Pipa*  
*Stela do Patrocínio, poeta brasileira que viveu internada na Colônia Juliano Moreira*  
*Madame Satã, transformista preso mais de uma vez por propagar a balbúrdia no Brasil.*

Eu busco formas de artes no mundo e nas corpos, que sejam reais como elas são porque eu sou real e tenho olhos, boca, pele, fome e frio.

Eu busco formas de arte que sejam múltiplas porque minha corpa é múltipla e única no mundo.

As artes sempre partem de corpos únicos, específicos,

*com olhares específicos,*  
*com cores específicas,*  
*com sexualidades específicas,*

A busca das artes dos nomes reais

*com gêneros específicos.*

Moldam suas formas

*de sentir a realidade,  
de trocar com a realidade,  
e automaticamente  
de produzir realidade a sua volta.*

Nesse jogo relacional da vida cotidiana surgem as artes como pontos de comunicação, reverberação, ressignificação, crítica, disputa de narrativa e (re)construção de imaginários. E elas, as tão temidas artes, surgem transbordando dos celulares, dos *outdoors*, dos ônibus, das estações de metrô, das rádios, das televisões. Mas para falar de quem?

\*\*\*\*\*

Eu olho para os rostos que são similares aos meus,

*eu olho para as corpas-artes por quem me encanto,  
eu olho para os conhecimentos que saem de nossas línguas e  
onde estão nossas formas tão múltiplas de se viver e ver a vida?*

Quais corpas estamos escondendo nas mesmas valas de esquecimento e sangue quando não damos nomes aos nomes que não tiveram direito de ecoar?

*O discurso de arte única, certa, direita, reta é colonizador  
O discurso de arte única, certa, direita, reta é epistemicida  
O discurso de arte única, certa, direita, reta não é América  
Latina.*



A Arte não existe nessa terra. Mas as artes de sobrevivência de todas as corpos dissidentes africanas resistem. Resistem. Resistem. Resistimos.

E existimos como

*Tatiana Nascimento – multiartista escritora, produtora, musicista, sapatona*

*Rosa Luz – rapper, modelo, digital influencer, travesty*

*Brunety BG – cantora, atriz, produtora, modelo, performer, travesty*

*Xibi Rodriguez – artista visual, rapper, produtora, escritora, bissexual*

*Kabe Rodriguez – artista visual, performer, produtora, curadora, diretora, musicista, travesty*

*Medro Pesquita – artista visual, performer, produtora, diretora, atriz, DJ, musicista, não binária*

*Titia Maldita – artista visual, performer, atriz, produtora, musicista, produtora, não binária*

*Ana Caroline Brito – cineasta, dançarina, escritora, pesquisadora, sapatona*

*Bruno Victor – cineasta, escritor, pesquisador, gay.*

Todas negras,

*Todas vivas,*

*Todas ecoando seus nomes*

*Todas formas diversas de corpos diversos que são divindade em suas diversas formas de ser artes.*

E nossas corpos são tão reais quanto nossas formas de produção.

\*Lara Jannyfer Batista Ferreira é graduanda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília